



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTODECIÊNCIASHUMANAS–CAMPUSIV
COLEGIADO DE HISTÓRIA

PETER ROCHA LIMA

**OLHARES DA FÉ NAS FOTOGRAFIAS DE LIDENÍCIO RIBEIRO E OSMAR
MICUCCI (1950-1980)**

JACOBINA-BA

2025

PETER ROCHA LIMA

**OLHARES DA FÉ NAS FOTOGRAFIAS DE LIDENÍCIO RIBEIRO E OSMAR
MICUCCI (1950-1980)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências Humanas – DCH – Campus IV da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura plena em História.

Orientador: Prof. Dr. Valter Gomes Santos de Oliveira

JACOBINA-BA

2025

**OLHARES DA FÉ NAS FOTOGRAFIAS DE LIDENÍCIO RIBEIRO E OSMAR
MICUCCI (1950-1980)**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Valter Gomes Santos de Oliveira – UNEB (orientador)
Prof^ª. Dr. Joana Medrado Nascimento
Prof^ª. Ma. Daiane Santana Santos

JACOBINA

2025

RESUMO

Esta pesquisa investiga as manifestações de fé na cidade de Jacobina, Bahia, a partir dos olhares fotográficos de Osmar Micucci e Lidenício Ribeiro, nas décadas de 1950 e 1980. Para a realização do estudo, foram utilizados arquivos fotográficos presentes no Núcleo de Estudos de Cultura e Cidade (NECC/UNEB) e entrevista com o fotógrafo Lidenício Ribeiro. As imagens constituem a principal fonte de investigação, analisadas sob a perspectiva da metodologia interpretativa e comparativa. A partir desse material, foi possível observar uma ampla gama de manifestações de fé em Jacobina, elucidando o papel fundamental que a religiosidade desempenhava na vivência cotidiana dos indivíduos da região. O percurso das fotografias enquanto objetos materializados constituiu um dos pilares desta pesquisa, buscando uma análise mais sensível e aprofundada. Para a compreensão geral dos usos e funções da fotografia no período estudado, foram fundamentais as contribuições teóricas de Valter de Oliveira (2007), Walter Benjamin (2009), Boris Kossoy (1999), entre outros. Por fim, esta pesquisa foi desenvolvida com a intenção de contribuir para os estudos sobre as manifestações de fé no sertão de Jacobina.

Palavras-Chave: Manifestações de Fé, Fotografia, Jacobina, Olhares Fotográficos

ABSTRACT

This research investigates manifestations of faith in the city of Jacobina, Bahia, through the photographic perspectives of Osmar Micucci and Lidenício Ribeiro, from the 1950s to the 1980s. The study used photographic archives held at the Center for Culture and City Studies (NECC/UNEB) and an interview with photographer Lidenício Ribeiro. The images constitute the main source of research, analyzed from the perspective of interpretative and comparative methodology. From this material, it was possible to observe a wide range of manifestations of faith in Jacobina, elucidating the fundamental role that religiosity played in the daily lives of individuals in the region. The trajectory of photographs as materialized objects constituted one of the pillars of this research, seeking a more sensitive and in-depth analysis. The theoretical contributions of Valter de Oliveira (2007), Walter Benjamin (2009), Boris Kossoy (1999), among others, were fundamental to a general understanding of the uses and functions of photography in the period studied. Finally, this research was developed with the intention of contributing to studies on manifestations of faith in the backlands of Jacobina.

Keywords: Manifestations of Faith, Photography, Jacobina, Photographic Views

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho representa não apenas o encerramento de uma etapa acadêmica, mas também a realização de um sonho construído a muitas mãos e corações. Por isso, agradeço com todo carinho e respeito às pessoas que caminharam comigo e possibilitaram esta conquista. À minha mãe, Auta Ferreira da Rocha; minha avó Ozenir Ferreira Rocha; minha primeira grande referência na vida e na educação, minha eterna inspiração. Obrigada por estar sempre ao meu lado, me amparando com suas orações, palavras de sabedoria, carinho e conselhos. Sua história de vida foi o espelho que me guiou desde os primeiros passos, e sua força me ensinou a acreditar, persistir e lutar pelos meus objetivos. Ao meu irmão, Ian, e ao meu pai, José Carvalho Levi, agradeço profundamente por todo o apoio incondicional. Sua presença constante, seus conselhos sempre tão certos, e sua dedicação sustentaram-me em muitos momentos difíceis. A determinação e o esforço com os quais conduziu a própria vida me ensinaram a nunca desistir, mesmo diante dos maiores desafios. Às minhas primas, obrigada pela companhia e pelo apoio afetivo. Um agradecimento especial a Neto Domingos e sua esposa Eleonora, que sempre acreditaram em mim, me incentivando e celebrando cada pequena vitória como se fosse sua. Aos meus amigos íntimos, Fernando, Danilo, Dudu, Rogério, Tainá, Cíntia, Priscila, Érica e Ériston, aqueles que estiveram comigo nos momentos mais difíceis e também nas alegrias, minha eterna gratidão. Obrigada pela paciência, pelos conselhos, pelo cuidado e por me ajudarem a manter a fé e a esperança ao longo dessa jornada acadêmica. Ao professor e orientador Dr. Valter Gomes dos Santos de Oliveira, agradeço pela confiança, pela escuta atenta e pela generosidade intelectual. Sua orientação durante minha graduação na UNEB e o apoio na iniciação científica foram fundamentais para minha formação acadêmica. Mais do que um orientador, foi um guia e uma presença constante, cuja dedicação ultrapassou os muros da Universidade. Por fim, agradeço à Universidade do Estado da Bahia (UNEB), por garantir o acesso ao ensino público, gratuito e de qualidade. Essa instituição foi o espaço que me acolheu, me formou e me transformou. Sem ela, este trabalho não existiria.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Fonte: Osmar Micucci, 1956, Igreja da Conceição, Jacobina, Acervo Particular.....	24
Figura 2. Fonte: Osmar Micucci, 1957, Jacobina, AcervoNECC-UNEB.....	25
Figura 3. Fonte Osmar Micucci, 1957, Jacobina, Festas Religiosas Acervo NECC-UNEB.....	27
Figura 4. Fonte: Lidenício Ribeiro, Cerimônia Religiosa, Igreja Matriz, Jacobina 1977 Acervo NECC-UNEB.....	31
Figura 5. Fonte: Lidenício Ribeiro, Família em Batizado Igreja Matriz, Jacobina, 1979 Acervo NECC-UNEB.....	33
Figura 6. Fonte: Osmar Micucci, 1957, Jacobina, Festa do Divino Acervo NECC-UNEB.....	35
Figura 7. Fonte: Lidenício Ribeiro, Evento Religioso, Jacobina, sem data, AcervoNECC-UNEB.....	35
Figura 8. Fonte:Osmar Micucci, Batizado, Jacobina, 1957 Acervo NECC-UNEB.....	39
Figura 9. Fonte: Lidenício Ribeiro, Batizado, Jacobina ,1971 Acervo NECC-UNEB.....	39
Figura 10. Fonte: Osmar Micucci, 1956, Jacobina Festa Religiosa Acervo NECCUNEB.....	41
Figura 11. Fonte: Lidenício Ribeiro, sem data, Comunhão, Jacobina Acervo NECC-UNEB.....	42

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1 – AS MANIFESTAÇÕES DE FÉ E A MEMÓRIA FOTOGRÁFICA NA CIDADE DE DE JACOBINA.....	14
1.1 Fé e suas Manifestações.....	14
1.2 Manifestações de Fé em Jacobina.....	16
1.3 A Fé na Memória Fotográfica de Jacobina.....	18
CAPÍTULO 2. AS MANIFESTAÇÕES DE FÉ NOS OLHARES DE OSMAR MICUCCI E LIDENÍCIO RIBEIRO.....	22
2.1 As práticas de fé no olhar de Osmar Micucci.....	22
2.2 As práticas de fé no olhar de Lidenício Ribeiro.....	28
2.3 Entrecruzando olhares.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
FONTES.....	46
Fotográficas.....	46
Escritas.....	46
Orais.....	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	47

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo compreender as manifestações de fé no sertão da Jacobina sob o olhar fotográfico de Lidenício Ribeiro e Osmar Micucci entre os anos de 1950-1980. A investigação iniciou-se com a Iniciação Científica, sendo realizada nos anos de 2021 a 2022, como parte do projeto “Circuito social das fotografias nos sertões”, tutelado pela orientação do professor Valter Gomes dos Santos de Oliveira. A utilização da fotografia como fonte histórica permitiu observar as manifestações de fé por diferentes perspectivas, possibilitando questionamentos muitas vezes não formulados. Dessa forma, as fotografias são testemunhas de realidades existentes ou semelhantes, oferecendo ao espectador a oportunidade de rememorar o que foi registrado. Mais do que simples registros visuais, os imagéticos carregam significados culturais, sociais e históricos.

As religiões fazem parte da história humana, independentemente do continente ou cultura. Desde o século V a.C. na Grécia antiga, pensadores como Parmênides (530-460 a.C.) e Heródoto (484-425 a.C.) refletiram sobre deuses e mitos. No cristianismo, Santo Agostinho, com a obra *A Cidade de Deus*, reformadores como Martinho Lutero e João Calvino influenciaram profundamente a religiosidade ocidental. No Brasil, a obra *Religiões na História do Brasil* (Cecília, 2015) revisita a trajetória religiosa do país, evidenciando sua diversidade e transformações ao longo do tempo.

Todavia, a partir do século XV com a expansão marítima europeia marcando o início da busca por novos territórios e, concomitantemente, o estabelecimento e contato com culturas desconhecidas, manifestações religiosas diferentes como dos povos indígenas foram subjugadas e reprimidas, essas manifestações de fé foram vistas como primitivas e comparadas com o cristianismo, uma vez que a fé cristã foi imposta como religião dominante. Portanto, compreender as demonstrações de fé no Brasil é fundamental para rememorar o processo de colonização desta nação, no qual o Estado e a Igreja Católica, embora se tratassem de instituições distintas, nos primórdios da colonização, uma estava fundida na outra. A religião do Estado era católica, ou seja, os membros do corpo social deveriam ser católicos. Além disso, ainda existia o sistema de Padroado, unindo a administração do Estado e da Igreja. Podemos destacar as fraternidades religiosas como caminhos encontrados pelos portugueses na materialização do planejamento colonial, alicerçado pela Igreja na incumbência de evangelizar.

No estudo realizado por Tânia Mara Pereira Vasconcelos 1940-1980, é evidenciado o

processo de catequização com a chegada, em 1938, do Padre austríaco Alfredo Haasler em Jacobina, fundando, assim, no ano seguinte, a primeira escola paroquial, ao que tudo indica, fruto da iniciativa desse padre contando com o apoio de parte da elite local, uma “vez que não houve no Brasil uma política oficial da Igreja Católica que incentivasse a implantação de escolas paroquiais” (Vasconcelos, 2011).

A fixação dessas escolas paroquiais, embora realizasse trabalhos assistenciais, tornou o Padre Alfredo uma figura extremamente conhecida e politicamente importante naquela região, exercendo nas comunidades rurais onde atuava uma influência maior que a do Estado. O principal objetivo do Padre Alfredo, ao fundar essas escolas, teria provavelmente sido catequizar aquele povo sertanejo, sendo que os indivíduos que frequentava suas celebrações era em sua maioria analfabeto e detinha poucos conhecimentos dos sacramentos, diante disto, a religião lhe dá uma intrepidez de herói.

Essa visão a respeito do sertanejo como povo sofrido, castigado pela seca, ingênuo e resignado, era muito recorrente na época, sendo ainda hoje veiculada em alguns meios de comunicação; comovendo assim o leitor e valorizando ainda mais a ação do padre, associando-o a um ideal de santidade (Vasconcelos, 2011, p. 03)

Entretanto, é significativo salientar a importância política e religiosa do Padre Alfredo. Sua atuação assistencialista junto à população pobre, feita a custo de grandes sacrifícios pessoais, fazia com que sua imagem fosse associada à de um santo, o que certamente rendia votos para os políticos que recebiam seu apoio.

No Brasil, a questão religiosa é de enorme diversidade, temos como exemplos a manifestação religiosa popular a Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil destacando-se as romarias e peregrinações realizadas em várias regiões do país; 2 de fevereiro realiza-se adorações para Iemanjá, em Salvador/BA; nas festas populares Juninas uma mistura religiosa homenageando santos como Santo Antônio, São João e São Pedro, portanto as credulidades no Brasil refletem a rica herança cultural religiosa e nos sertões do Brasil as manifestações de fé estão enraizadas.

Em Jacobina, as religiosidades se manifestam de maneira plural, refletindo a riqueza cultural da região, abrigando diversas celebrações religiosas ao longo do ano. Na praça central da cidade, encontra-se a Igreja Matriz da Paróquia de Santo Antônio de Pádua, palco de celebrações como a Festa do Divino Espírito Santo. No entanto, essas práticas não se limitam à fé católica, é possível vislumbrar credulidades ligados aos centros de umbanda, candomblé, centros espíritas e outras formas de expressar a fé no seio social da cidade.

As fontes principais utilizadas nesta pesquisa são as fotografias. A partir das investigações dos imagéticos cedidos pelo Núcleo de Estudos de Cultura e Cidade (NECC) trabalharemos as manifestações de fé em Jacobina. Sob as fotografias é importante mencionar que no final do século XIX já haviam aumentado o número de estúdios fotográficos e conseqüentemente de fotógrafos na capital e que se espalhavam pelos interiores do Estado/BA “trabalhando como fotógrafos ambulantes dedicando-se a produção de retrato de pessoas, famílias e também de cidades” (Barbosa, 2018, p. 03). É através dos usos e funções do artefato fotográfico por determinada sociedade que se podem perceber os traços de uma cultura fotográfica.

Considerando a existência de uma cultura fotográfica no Brasil, com o desenvolvimento de técnicas e singularidades temáticas, tendo se espalhado por várias partes do país pode-se perceber também as marcas dessa cultura fotográfica no sertão da Bahia surgida desde fins do século XIX (Oliveira, 2011, p.02).

A fotografia no sertão está sendo porta de entrada para modernidade e para construção sentimental e identitária do sertanejo através dos retratos no interior baiano, mesmo que as imagens fotográficas, neste período, ainda fossem restritas ao seio de famílias que possuíam maior poder aquisitivo e era estes fotógrafos que estavam em constante veiculação.

Outro fator importante na contribuição da pesquisa foi o Jornal A Palavra, pois as análises dos textos jornalísticos revelam eventos cotidianos, transformações culturais, debates políticos e como diferentes grupos interpretam acontecimentos, o Jornal A Palavra transmite narrativas sobre manifestações de fé e como a cidade se modifica para tais eventos religiosos, entretanto utilizamos apenas uma reportagem, sendo que, a maioria dos editoriais encontradas no jornal A Palavra são de outras cidades próximas, não abrangendo o recorte desta investigação que tem como foco a cidade de Jacobina.

As fotografias das manifestações de fé na cidade de Jacobina/BA são memórias de um passado existente que estão relacionadas com a memória afetiva, por parte dos indivíduos que vivenciaram aquele momento.

As fotografias são testemunhas da realidade existente ou semelhantes, as imagens fornecem um testemunho, podendo comprovar que determinada coisa aconteceu, ou seja, ao documentar viagens de família e casamentos, se produz uma prova do acontecimento, de certo modo tende a produzir conhecimento. (Sontag, 1997, p. 22).

Sontag faz uma reflexão sobre o papel das fotografias como testemunhas dos acontecimentos e como podem ser vistas não apenas como registros, mas como maneiras de produzir conhecimento. Pois ao documentar viagens e casamentos, as fotos tornam-se uma prova da realidade vivida, carregando uma narrativa histórica. A fotografia enquanto arte

mexe com a sensibilidade das pessoas, fornece emoções e sensações que enchem os olhares dos observadores, por outro lado, como registro documental, prende nossa atenção no que elas podem dizer, a partir das dúvidas e questionamentos levantados pelo que está sendo observado.

Em contrapartida, é preciso salientar que o pesquisador deste trabalho, desde cedo, demonstrou uma grande afinidade com a fotografia e com as manifestações de fé, um fator determinante para que a imagem fotográfica fosse escolhida como objeto de pesquisa. Esse interesse não se limita ao aspecto técnico da fotografia, mas também à sua função histórica e cultural. Durante as leituras realizadas sobre autores como Susan Sontag, Boris Kossoy e Vilém Flusser autores fundamentais para buscarmos reflexões sobre as fotografias. A fotografia, nesse contexto, não se limita apenas a um retrato visual, mas se apresenta como uma janela para o entendimento de práticas sociais e religiosas, ajudando a revelar as dinâmicas de uma comunidade e os desejos dos indivíduos em expressar sua crença.

A pesquisa se aprofundou a partir da disponibilização de um acervo fotográfico digitalizado pelo orientador Valter de Oliveira, dentro do Núcleo de Estudos de Cultura e Cidade (NECC/UNEB), no qual estavam preservadas imagens de um período crucial da história de Jacobina (1950-1980). no decorrer da pesquisa foram investigadas 178 fotografias, sendo que, as fotografias analisadas abrangem principalmente as décadas de 1950-1980, fator crucial para concretizar o recorte temporal investigado. A partir desse acervo, foi possível traçar um diálogo entre as imagens e o contexto das manifestações de fé que marcaram a cidade, especialmente as festividades e práticas religiosas.

Este universo fotográfico, composto por registros realizados pelos renomados fotógrafos Osmar Micucci e Lidenício Ribeiro, se mostrou fundamental para a análise da cidade e de seus habitantes durante as décadas de 1950 a 1980. É de suma importância mencionar que Osmar Micucci desenvolveu grande parte dos seu trabalho no período democrático enquanto que Lidenício Ribeiro grande parte de suas fotos foram tiradas no período da Ditadura Militar. É de suma importância salientar que entre essas décadas tanto o Brasil como os interiores “estavam passando por transformações no quesito, tecnológico e cultural inaugurando um novo estilo de vida, costumes e formas de consumir” (Silva, 2023), a fotografia estava inserida nesse contexto revolucionário. Esses fotógrafos, com seus olhares sensíveis e atentos aos detalhes do cotidiano se tornaram figuras importantes na cena fotográfica local, contribuindo significativamente para a documentação visual das festas

religiosas, das procissões e das celebrações da fé, elementos que fazem parte da identidade cultural de Jacobina.

A partir dos olhares de Ribeiro e Micucci, é possível interpretar as imagens como uma forma de materialização da religiosidade popular, mostrando uma população profundamente imersa em suas crenças, mas também inserida em uma cidade em processo de modernização. A fotografia, nesse sentido, se revela como uma fonte histórica rica, pois, além de registrar o aspecto visual de determinado evento ou ambiente, ela também é um reflexo das escolhas e dos sentidos atribuídos àqueles momentos pelos fotógrafos e pela comunidade representada.

No primeiro capítulo deste trabalho, serão discutidas as diversas manifestações de fé observadas na cidade de Jacobina, explorando a sua heterogeneidade e a diversidade cultural que permeiam as práticas religiosas. As imagens de Ribeiro e Micucci, ao capturarem cenas de fé, mostram não apenas a religiosidade, mas também a multiplicidade das manifestações de fé, símbolos e sentimentos que caracterizam a religiosidade popular do sertão da Jacobina. A abordagem fotográfica, nesse sentido, oferece uma perspectiva única para compreender como os indivíduos e a comunidade se relacionam com o sagrado e com a tradição, construindo um retrato visual das práticas de fé.

No segundo capítulo, será realizada uma análise comparativa dos olhares fotográficos de Lidenício Ribeiro e Osmar Micucci, investigando as diferenças e semelhanças nas suas abordagens. Embora ambos tenham fotografado eventos religiosos, seus estilos e técnicas fotográficas podem refletir diferentes interpretações e perspectivas. Lidenício, conhecido por seu olhar atento aos detalhes e à vida cotidiana, tem foco mais na espontaneidade dos fiéis com o ato religioso.

Esses dois fotógrafos contribuíram para a criação de um acervo visual que, ainda hoje, é uma das principais fontes para entender as práticas religiosas em Jacobina, um sertão que, embora distante dos grandes centros urbanos, sempre foi fértil em manifestações culturais e religiosas únicas. Os olhares fotográficos de Ribeiro e Micucci se entrelaçam com a história da cidade, preservando não apenas os aspectos visuais, mas também os sentimentos, as memórias e as identidades de uma comunidade que, através de suas celebrações, continuou a afirmar e a vivenciar sua fé.

CAPÍTULO 1 – AS MANIFESTAÇÕES DE FÉ E A MEMÓRIA FOTOGRAFICA NA CIDADE DE JACOBINA.

1.1 Fé e suas Manifestações

As manifestações de fé apresentam-se de diversas formas: orações, rituais, celebrações religiosas, peregrinações, meditação, entre outras práticas devocionais. Tais expressões podem ser tanto pessoais quanto coletivas, variando conforme as tradições e culturas religiosas de cada contexto social. Abrangendo desde o catolicismo romano até o protestantismo cristão, passando pelas religiões afro-brasileiras, como o Candomblé e a Umbanda, o espiritismo kardecista, até as tradições xamânicas indígenas e outros costumes de credulidade que compõem esse vasto mosaico.

José de Sousa Martins (1994), faz uma análise cuidadosa das manifestações de fé, destacando que:

Essas localidades onde se realizam manifestações de fé não são apenas momentos em que a história fica para trás, mas ambientes nos quais os devotos ganham vida e conferem visibilidade ao local. Nesses instantes de credulidade, os indivíduos tornam-se personagens ativos tanto em dimensões históricas como simbólicas (2002, p. 229).

Isso significa que a ida aos lugares sagrados não pode ser entendida apenas como um breve intervalo místico em busca do mundo da promessa. Pelo contrário, esses momentos representam uma construção histórica profunda, refletindo a realidade social e cultural dos indivíduos e comunidades.

Souza Martins acrescenta que “as grandes revoltas populares no país têm estado profundamente marcadas pela mediação das crenças religiosas das populações camponesas” (2002, p. 228). Mesmo nos últimos cinquenta anos, em que o país passou por grandes transformações sociais e políticas, e sofreu acentuada e generalizada modernização, os conflitos sociais envolvendo comunidades camponesas só podem ser compreendidos se levarmos em conta que a motivação religiosa tem aí desempenhado uma função central.

Nesse quesito, a fé vai além de uma simples expressão cultural ou religiosa. Como observa José Artur Tavares (2011), a liderança religiosa leiga em Canudos propiciou a criação de uma comunidade livre, sem exploradores nem explorados, sem senhores nem escravos, organizando-se em torno de uma fé que, segundo Tavares (2011), era a única capaz de fazer com que aquele povo encontrasse sua autonomia e sentido de pertencimento. O culto à tolerância, em Canudos, representava um esforço para construir uma terra organizada pela fé, uma expressão de acolhimento e liberdade, em contraste com a opressão vivida por muitos

indivíduos diante do contexto social, político e econômicos no final do século XIX.

Frequentemente, a vida é marcada por dúvidas existenciais e questionamentos sobre o sentido da própria existência. Nesse contexto, a fé oferece um espaço de alívio e reflexão, um caminho para a compreensão de um propósito maior. As manifestações de fé podem, assim, proporcionar respostas e consolo diante dessas incertezas, não apenas no templo, mas também no seio familiar e nas interações cotidianas.

Além disso, com o tempo, muitas dessas práticas devocionais transcendem a esfera privada e se transformam em eventos de grande relevância para o turismo local e nacional. Um exemplo claro disso é a Lavagem do Senhor do Bonfim, em Salvador, que Luís Américo Bonfim (2014), descreve como um dos maiores rituais religiosos do Brasil.

O cortejo parte ainda pela manhã da Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia e vai até a Baixa do Bonfim, arrastando multidões num percurso de aproximadamente 14 quilômetros. Uma presença certa nessa caminhada é a de autoridades civis e militares, artistas e personalidades da cidade de Salvador, da Bahia e do Brasil (Bonfim, 2014, p. 03).

Tomando grande parte das ruas de Salvador, além do sincretismo religioso com Oxalá ocorrendo uma aproximação entre as devoções católicas e cultos afro-brasileiros. Segundo Bonfim (2014) é uma das manifestações religiosas mais antigas do Brasil.

O fotógrafo, etnólogo e antropólogo Pierre Verger, embora francês, dedicou grande parte de sua vida a Salvador, realizando um trabalho fotográfico de grande relevância sobre o cotidiano e as culturas populares da cidade, especialmente a Lavagem do Bonfim. Seu acervo fotográfico é uma valiosa fonte para a historiografia das manifestações de fé no Brasil, documentando os costumes de devoção e o sincretismo religioso entre o catolicismo e as tradições afro-brasileiras.

Em *Fotografia e Memória na Procissão de Santo Antônio em Bebedouro, Maceió/AL* (Silva, 2021), a fotografia também desempenha um papel crucial na representação das manifestações de fé. A Procissão de Santo Antônio de Pádua, em Bebedouro, é uma expressão religiosa que conecta passado e presente, evidenciando como a cidade e seus habitantes se preparam para esse evento, transformando o espaço urbano e o cotidiano. Todas as noites acontecem missas com o padre responsável da igreja ou com padres convidados para participar das festividades. “As quermesses são comuns após todas as celebrações, com jogos de bingo, barracas para a venda de bolos e salgados, além de outros comerciantes que se instalam pela redondeza” (Silva 2021).

O pequeno comércio é algo que se expande em decorrência da festa. Todos os anos, é tradicional a presença do parque de diversões nas festas juninas e

natalinas, situando-se temporariamente na praça, defronte à igreja, ao redor dos brinquedos, muitas barracas aparentemente, pertencentes ao parque, vendiam batata frita, maçã-do-amor, bolos, tortas, pirulitos. Percebi também a presença de pequenos comerciantes oferecendo lanches, adereços religiosos – terços, escapulários, correntes, pulseiras -, além de pipoqueiros e ambulantes oferecendo água e outros produtos (Silva, 2021, p. 06).

Essas manifestações de credulidade, ao longo do tempo, ultrapassam a devoção individual aos santos e se transformam em práticas coletivas que organizam toda a comunidade, refletindo a intensidade e a complexidade da religiosidade popular. Elas revelam não apenas a fé como elemento central nas vidas dos indivíduos, mas também o sincretismo religioso e a capacidade da fé de unir as pessoas em torno de um propósito comum. Assim, a religiosidade se torna uma parte fundamental da identidade e da memória coletiva, visível nas ações cotidianas e na organização social dos indivíduos que exercem suas práticas de fé.

1.2 Manifestações de Fé em Jacobina.

O sertão jacobinense é um arcabouço de religiões, sejam derivadas do cristianismo, da matriz africana ou indígenas. Entretanto, entre os anos de 1950 a 1980, “o catolicismo era predominante, como ocorria em todo o Brasil, uma vez que a Igreja Católica penetrara nos sertões, chegando a Jacobina há mais de três séculos” (Vasconcelos, 2009). Na paróquia de Santo Antônio, existe uma tradição secular e fervorosa de festejar alguns santos, entre eles Nossa Senhora da Conceição e São Benedito. Essas comemorações festivas são derivadas de atos de fé, pois, antes das festividades, esses santos são cultuados e os indivíduos manifestam suas práticas de credulidade. O trabalho de Fernanda Barbosa (2018), apesar de o foco estar atrelado às festividades da cidade de Jacobina, também aborda essas comemorações como manifestações religiosas, ou seja, uma materialização das práticas religiosas.

Em seu aspecto cultural, entre os anos de 1930 e 1970, Jacobina contava com um ativo calendário festivo que incluía eventos tanto seculares quanto religiosos. As festas religiosas, como a do Divino Espírito Santo, de Santo Antônio, Nossa Senhora da Conceição, Corpus Christi e as demais comemorações religiosas, revelavam uma cidade comum que manifestava a sua fé, por meio da religião (Barbosa, 2018).

Dessa forma, existe uma pluralidade de manifestações de fé, cada uma com suas peculiaridades, fusões culturais e diversidade entre as camadas sociais. A elite jacobinense se fazia presente nos principais eventos religiosos, como missas e procissões, vislumbrando uma integração momentânea com os indivíduos de menor poder aquisitivo. Maria de Fátima Dias da Silva Almeida (2006) explana que as “proporções que tal evento religioso apresenta na cidade jacobinense vão além da manifestação de fé, sendo também um momento de divertimento, lazer, encontros e reencontros, sejam de amigos ou namorados” (2006, p.16).

Assim, tanto as reverências à devoção quanto às manifestações ocorridas nas ruas contemplam e dão sentido, caracterizando não só os fiéis, mas também aqueles que estão fora do círculo religioso.

No planejamento dos fiéis para a realização desses eventos religiosos, podemos imaginar que os corpos sociais, tanto de Jacobina/BA quanto de outras cidades brasileiras, passam por agitações diante dessas manifestações de credulidade (Silva, 2021). Jacobina é uma cidade com uma cultura religiosa efervescente. Mesmo com o forte direcionamento para o catolicismo, é importante destacar que existem poucos estudos sobre práticas religiosas, no sertão de Jacobina/BA. Mariza do Carmo Rodrigues (2014), em seu estudo, dá ênfase às práticas religiosas afro-brasileiras, enfatizando que tais manifestações acompanham a história da cidade. Ela destaca três terreiros de Candomblé em Jacobina:

O Ilê Axé Ode Cassulandê, no Bairro Felix Tomás, cujo babalorixá é Joel Sebastião Xavier (Luacemim de Oxossi); O Onzó de Matamba, liderado por Gilton no Bairro do Cajueiro; O Terreiro Ilê Axé Odóia, no Bairro da Caixa D'Água, comandado por Maria da Conceição Barbosa Silva, mais conhecida como Dona Nina (Omimaré) (Rodrigues, 2014, p. 38).

Essas localidades religiosas estão situadas na zona urbana da cidade, em bairros populares de Jacobina. Segundo o babalorixá Joel, “o Ilê Axé OdéCassulandê foi fundado em 1976. Quando ele chegou a Jacobina, em 1975, vindo de Salvador” (Rodrigues, 2014). A fundação deste terreiro coincide com o recorte temporal desta pesquisa, reforçando que, no mesmo período, a cidade estava marcada pela heterogeneidade de manifestações religiosas. Nesse contexto, compreendemos que as diferenças culturais em Jacobina são visíveis e os sujeitos não possuem a mesma cultura religiosa ou identidade, mas se formam como indivíduos históricos que passam a ter a ideia de pertencimento, enquanto fazem parte da sociedade.

Osmar Micucci e Lidenício Ribeiro capturaram, através de suas lentes, uma gama de manifestações religiosas na cidade de Jacobina, não apenas em ambientes públicos, mas também privados, resguardando assim memórias dessas manifestações de credulidade. Outro fator importante que documentava esses eventos religiosos era o Jornal A Palavra, um periódico de grande prestígio que circulou entre 1973 e 1994. Durante seu período de circulação, foram publicadas diversas matérias sobre festividades e atos religiosos em Jacobina. Em uma das edições, o jornal noticiava:

“Serão realizados nesta cidade, nos dias 10 e 11 do corrente, as tradicionais festas do Divino Espírito Santo e de São Benedito. No domingo, haverá missa às 8 horas, celebrada na Igreja Matriz pelo Padre Constantino. Após a missa, realiza-se o habitual sorteio para a escolha dos novos Imperador e

Alferes. À tarde, haverá procissão com as imagens de Santo Antônio e São Benedito, que percorrerá as principais ruas da cidade, acompanhada pelo povo e pelo grupo folclórico 'Marujada'. Na segunda-feira, pela manhã e à tarde, haverá procissão com as mesmas imagens, acompanhada por todos os membros das entidades religiosas locais e pelos fiéis." (Jornal A Palavra, 2_p2.JPG, pág. 03. Jacobina/BA, 1973).

A notícia do periódico traduz toda a movimentação dos sujeitos para os festejos tradicionais do Divino Espírito Santo e de São Benedito. Durante esses dois dias, principalmente para os devotos, as ruas são tomadas por missas, devoções, procissões e sincretismo religioso, já que o grupo folclórico "Marujada" está inserido nesse ato religioso, ocupando seu espaço social e cultural. A prática religiosa de São Benedito conta com um número de devotos superior se compararmos com outros atos religiosos em Jacobina, com um público heterogêneo. Inclusive Maria de Fátima Dias da Silva Almeida (2006), aponta que:

São Benedito tem um caráter mais popular em relação a Santo Antônio que é o padroeiro da cidade, isso porque a igreja percebeu que uma religião cristã não é composta apenas de brancos, percebendo assim que traria muitos devotos para o catolicismo, isto porque o santo arregimenta a maior parte da população negra e seus descendentes (Almeida, 2006, p. 33).

No entanto, percebe-se que a maioria dos fiéis pertence a classes sociais com baixo poder aquisitivo. Assim, a religião abre espaço para as manifestações culturais de um povo, preservando sua identidade histórica. No sertão da Jacobina, as práticas de credulidade preservam tanto a memória quanto a cultura dos indivíduos que praticam sua fé.

1.3 A Fé na Memória Fotográfica de Jacobina

Jacques Le Goff (2003), em seu livro *História e Memória*, argumenta que dois fenômenos significativos surgiram ao longo do tempo, ambos tendo um impacto profundo na memória coletiva: o advento da fotografia no século XIX e, no início do século XX, a construção de monumentos aos mortos. Em *A Fotografia como Objeto e Recurso de Memória*, Adair Felizardo e Etienne Samain (2007) afirmam que tanto a memória individual quanto a coletiva envolvem eventos vivenciados pelo sujeito ou pelo grupo ao qual ele pertence. A memória coletiva é composta por acontecimentos "vividos por tabela", ou seja, reconstruções do passado realizadas com o intuito de entender o mundo e, a partir disso, criar espaços de lembrança.

Nesse sentido, a fotografia se configura como um documento privilegiado para investigar a memória. Quando analisada, ela revela vestígios que nos convidam a refletir sobre os elementos presentes e ausentes na imagem, como aponta Le Goff (1990). Os fotógrafos

observadores privilegiados empregam um olhar direcionado e seletivo ao registrar eventos específicos.

As imagens fotográficas das manifestações de fé em Jacobina produzidas durante o período funcionam como lugares de memória, resgatando um passado de fé e devoção, ao mesmo tempo que respondem à necessidade de manter viva a crença, “oda e qualquer fotografia tem sua gênese num espaço e tempo específicos, suas coordenadas de situação”, conforme aponta Kossoy (1999, p. 26).

A fotografia, como fenômeno imagético, revolucionou a memória e impactou profundamente a sociedade, contribuindo para os campos da informação, da educação e da historiografia. “A foto permite reativar a memória, reviver o passado e ressuscitar sentimentos que definem nossa relação com a história (Samain, 2007)”.

Os homens colecionam esses inúmeros pedaços congelados do passado em forma de imagens para poderem recordar, a qualquer momento, trechos de suas trajetórias ao longo da vida. Apreciando essas imagens, ‘descongelam’ momentaneamente seus conteúdos e contam a si e aos mais próximos suas histórias de vida. Acrescentando, omitindo ou alterando fatos e circunstâncias que advêm de cada foto, o retratado ou o retratista têm sempre, na imagem única ou no conjunto das imagens colecionadas, o start da lembrança, da recordação, ponto de partida, enfim, da narrativa dos fatos e emoções. (Kossoy, 1999, p.138).

Ao observar essas imagens, as pessoas “descongelam” temporariamente o conteúdo das fotografias e reconstróem suas narrativas, acrescentando, omitindo ou alterando fatos e circunstâncias. A fotografia, nesse sentido, é um ponto de partida para a memória e a construção de narrativas que envolvem tanto os retratados quanto os fotógrafos.

Fotografar é, portanto, um ato de congelar no tempo momentos que, para nós, têm um significado especial, seja por sua importância ou por serem agradáveis. Ao materializar esses momentos, a fotografia busca preservar uma versão da história e contribui para a construção da memória de eventos significativos. Em Jacobina, as manifestações de fé, captadas nas fotografias de Lidenício Ribeiro e Osmar Micucci, entre as décadas de 1950 e 1980, não apenas preservam a memória dos indivíduos que expressam sua fé, mas também a cultura local. Essas imagens são fundamentais para entender o papel da religião nas práticas de fé da cidade.

Ana Maria Mauad (2004) questiona quem produziu as fotografias, qual o contexto social, como foram propagadas e quem aparece nas imagens, mas também alerta para o que está oculto nelas. As fotografias, como destaca o historiador Pierre Nora (1993), são “lugares de memória”, ou seja, são suportes que preservam uma memória que já não conseguimos mais

manter viva por outros meios. Esses registros fotográficos, junto a outros produtos sociais, como os escritos, ajudam a definir a identidade de uma sociedade, refletindo sua organização, valores e crenças. Em Jacobina, as imagens fotográficas de Ribeiro e Micucci, não apenas documentam a religiosidade local, mas também participam da construção da identidade cultural da cidade.

As festividades religiosas, como as do Divino Espírito Santo, Santo Antônio, Nossa Senhora da Conceição e Corpus Christi, são exemplos de manifestações de fé que revelam o caráter profundamente religioso de Jacobina. O levantamento fotográfico realizado durante a pesquisa para a produção da Iniciação Científica revelou 38 fotografias de Micucci, feitas entre 1956 e 1958, todas em preto e branco, e 142 fotografias de Ribeiro, que cobrem principalmente a década de 1970. Essas imagens, capturadas com diferentes aparelhos fotográficos, dialogam com a história e revisitam questões sobre as práticas de fé em Jacobina.

O estudo de Barbosa (2008) contribui para a preservação da memória fotográfica de Jacobina, destacando as festividades religiosas como eventos de grande relevância para o calendário anual da cidade. No entanto, Barbosa não aborda diretamente as práticas de credulidade, embora muitas das festividades apresentadas em suas fotos estejam intimamente relacionadas a atos de fé. Sua pesquisa, que abrange o período de 1930 a 1970, contribui para a construção de uma memória festiva na cidade. Assim como o trabalho de Barbosa, a presente pesquisa busca ampliar essa memória, focando especificamente nas práticas de fé registradas pelas lentes de Lidenício Ribeiro e Osmar Micucci, e suas contribuições para a preservação da história religiosa de Jacobina.

Através do olhar fotográfico de Ribeiro e Micucci é possível observar não apenas as manifestações de fé, mas também o modo como essas imagens construíram e continuam a construir a memória de uma cidade marcada por sua religiosidade. A fotografia, nesse contexto, se revela como um importante instrumento para a preservação e interpretação da história, servindo como um elo entre o passado e o presente, permitindo que as novas gerações compreendam as práticas de fé que moldaram a cidade de Jacobina.

Sendo assim, acreditamos que tal estudo está alicerçado aos estudos historiográficos que buscam avaliar o desenvolvimento das fotografias a partir do que conhecemos como “cultura fotográfica” abrangendo assim o processo de circulação, criação e veiculação. No contexto dos sertões temos um grande estudioso das imagens fotográficas usadas como fontes

históricas, Valter Gomes Santos de Oliveira, responsável pelo projeto Circuito Social da Fotografia nos Sertões Baianos, realizando no Núcleo de Estudos de Cultura e Cidade, na Universidade do Estado da Bahia. Na sequência deste estudo abordaremos acerca das manifestações de fé nos olhares fotográficos de Osmar Micucci e Lidenício Ribeiro.

CAPÍTULO 2- AS MANIFESTAÇÕES DE FÉ NOS OLHARES DE OSMAR MICUCCI E LIDENÍCIO RIBEIRO

2.1 As práticas de fé no olhar de Osmar Micucci

A fotografia, enquanto linguagem, dispositivo resguardando a memória, desempenha um papel fundamental na preservação e na interpretação do corpo social. No caso de Jacobina, os olhares de Micucci e Lidenício capturam transformações físicas do espaço urbano, entretanto seus olhares se voltam, de maneira sensível e atenta, às práticas de fé que influenciam o cotidiano dos indivíduos. Festas de padroeiros, procissões, batizados ritos e encontros religiosos surgem em suas imagens como expressões visíveis da espiritualidade popular.

Dessa perspectiva, é possível compreender como esses registros fotográficos expressam, para além dos eventos religiosos, aspectos das sociabilidades locais, das relações de gênero, das tensões entre ruralidade e urbanidade as dinâmicas culturais que atravessam a sociedade jacobinense no período analisado. A reflexão apoia-se nos referenciais teóricos da história da fotografia, da cultura visual e dos estudos sobre religiosidade popular, reconhecendo que a imagem não é mero reflexo da realidade, mas uma construção atravessada por escolhas, enquadramentos e olhares subjetivos. Como aponta Boris Kossoy (2012, p. 15), “a fotografia é simultaneamente documento e discurso, uma construção que conjuga o real, o imaginário e a memória.”

Ao trazer para o centro da análise as obras de Osmar Micucci e Lidenício Ribeiro, também ressalta a relevância de seus trabalhos na consolidação do que Valter de Oliveira (2019) define como cultura fotográfica no sertão baiano. Suas lentes não capturam apenas rostos, objetos e cenários, mas, sobretudo, os sentidos, os afetos e os significados que atravessam as práticas de fé, elementos que, de forma viva e pulsante, configuram a experiência espiritual da cidade e de seu povo.

No mundo contemporâneo, a fotografia está profundamente integrada ao cotidiano das pessoas. Desde seu surgimento, tornou-se presente em diversas esferas, como: documentos pessoais, registros familiares e, sobretudo, como importante instrumento nos periódicos. Conforme aponta Turazzi (1998), há uma cultura fotográfica consolidada no Brasil no século

XX. Valter de Oliveira identifica também a presença dessa cultura em Jacobina, nesse contexto, destaca que “Osmar Micucci acompanhou de perto, e com uma visão particular, diversos momentos da história de Jacobina, produzindo, na segunda metade da década de 1950, um grande inventário de imagens responsáveis pela criação de uma visão da cidade para os seus e para outros” (Oliveira, 2010, p. 03).

As imagens produzidas por Micucci são instrumentos que materializam momentos públicos e privados da sociedade jacobinense, registrando práticas de credulidade entre as décadas de 1950 e 1980. Nascido em 1938 no município de Djalma Dutra (atual Miguel Calmon), a 30 km de Jacobina, Osmar Micucci era filho de Carolino Figueredo Filho e Bernadina Micucci de Figueredo. Sua família se mudou para Jacobina por volta da década de 1930, período marcado por profundas transformações na cidade, que então se afirmava como um centro econômico e cultural regional.

Naquela época, Jacobina já dispunha de transporte ferroviário, energia elétrica, hospital, escola pública, imprensa local, comércio diversificado e uma vida cultural intensa — nos moldes de uma pequena cidade do sertão baiano — com cinema, clubes e um calendário festivo ativo. A exploração de minas de ouro, por sua vez, atraía um fluxo crescente de pessoas para a cidade e arredores (Oliveira, 2010, p. 04).

Esse cenário social contribuía para dinamizar a vida dos indivíduos ali inseridos. Foi nesse contexto que Micucci atuou intensamente, produzindo uma vasta obra composta por centenas de imagens em diferentes formatos, que hoje constituem um acervo fundamental para a história visual da cidade. Segundo Oliveira (2019),

“Osmar Micucci cresceu em Jacobina tendo contato com o universo fotográfico não somente através de seu pai, mas também de outros fotógrafos. Por ali já haviam passado vários fotógrafos itinerantes que prestaram serviços à sociedade local, e outros também haviam instalado estabelecimentos temporariamente” (p. 42).

Assim como Lidenício Ribeiro, Micucci deu seus primeiros passos no campo da fotografia no ambiente familiar. Seu olhar fotográfico, no entanto, não se limitou ao registro do desenvolvimento urbano da cidade. Ele também se dedicou a captar, com sensibilidade, as manifestações de fé presentes nos costumes da população, revelando a religiosidade como elemento central na compatibilidade cultural de Jacobina.



Figura 1, Osmar Micucci, 1956, Igreja da Conceição, Jacobina, Acervo Particular

A Fotografia 1 constitui um registro que transcende o cotidiano da Jacobina na década de 1950. Nela, observa-se a realização de uma festividade religiosa, possivelmente a celebração em honra a Nossa Senhora da Conceição. A Igreja da Conceição, situada em posição elevada, aparece adornada com tecidos festivos, sinalizando a solenidade da ocasião. Fiéis reúnem-se nas escadarias e ao redor da igreja, participando ativamente das práticas litúrgicas e reforçando a importância da fé católica no contexto sociocultural da cidade.

Nota-se que grande parte das pessoas presentes é formada por mulheres trajando vestidos típicos da época, o que denota tanto a religiosidade popular quanto os costumes locais relacionados à indumentária. É possível observar um casal: o homem veste um terno, elemento que sugere o respeito à ocasião e a formalidade associada à participação nos rituais. O movimento constante de fiéis subindo e descendo as escadarias confere dinamismo à cena, evidenciando o fluxo coletivo em direção ao espaço sagrado.

Um detalhe que chama a atenção está localizado no canto inferior esquerdo da imagem: a presença de animais de carga acompanhados por um grupo de pessoas. Essa inserção inesperada introduz elementos da vida rural no contexto urbano e religioso da fotografia, revelando a coexistência entre práticas devocionais e atividades econômicas. Essa justaposição ressalta a espontaneidade do registro, característica marcante da fotografia

documental, onde o fotógrafo não possui controle absoluto sobre todos os elementos presentes na cena.

Conforme aponta Dubois (2012, p. 36-38), a fotografia é, por natureza, uma “imagem do acaso”. Nesse caso, a imagem de Osmar Micucci documenta não apenas um evento religioso, mas também aspectos culturais, sociais e econômicos da Jacobina sertaneja.

Assim, a fotografia analisada exige uma leitura cuidadosa, capaz de captar as múltiplas camadas simbólicas e históricas que ela carrega. Ao immortalizar um momento de fé e devoção, Micucci transforma sua foto em uma fonte valiosa para a compreensão das manifestações religiosas e do cotidiano jacobinense na Bahia do século XX.

Os personagens fotografados revelam mulheres com saias longas, homens com chapéus, crianças e adultos de diferentes faixas etárias compõem o cenário. Essa pluralidade comprova o caráter comunitário das manifestações de fé, envolvendo distintas gerações e classes sociais. O registro fotográfico transforma-se, assim, em documento histórico e cultural, revelando a centralidade da religiosidade na rotina jacobinense.

Nesse sentido, a imagem investigada se insere naquilo que Valter de Oliveira (2019) define como “cultura fotográfica” do sertão, na qual os fotógrafos locais como Osmar Micucci e Lidenício Ribeiro desempenharam papel fundamental na construção de um imaginário visual da cidade e de sua gente. Ao captar uma cena que mescla fé, arquitetura, tradição e cotidiano não apenas documenta uma prática religiosa, mas produz uma narrativa visual da cidade de Jacobina identidade de Jacobina.



Figura 2, Osmar Micucci, 1957, Jacobina, (NECC/UNEB)

A fotografia 2 salienta uma manifestação de fé registrada pelo olhar sensível de Micucci. A cena ocorre no centro da cidade e revela a expressiva participação de sujeitos. No lado esquerdo da imagem, observa-se um grupo composto por crianças, mulheres e homens, cuja presença suscita dúvidas quanto à sua condição: seriam apenas curiosos ou devotos? Ao centro, destacam-se mulheres enfileiradas, vestindo trajes que acreditamos ser da cor branco, e, ao fundo, uma multidão manifesta sua fé de maneira coletiva. As crianças aparecem alinhadas, trajando vestidos ao que tudo indica brancos e sapatilhas pretas, reforçando o caráter cerimonial da ocasião. Micucci destacou-se como fotógrafo respeitado em Jacobina, reconhecido por seu comprometimento e apuro técnico.

Com olhar refinado e técnica aprimorada, características encontradas entre os principais expoentes do ramo, ele passou a ser convocado a prestar inúmeros serviços ao poder público e a diversos particulares. Ao longo dessa década, e das seguintes, através de suas lentes ele explorou uma diversidade de temas, alguns incomuns a outros fotógrafos na cidade, fazendo com que seu nome ficasse definitivamente gravado na cultura fotográfica de Jacobina.”(Oliveira, 2010, p. 141).

A fotografia analisada retrata uma procissão católica na cidade de Jacobina, o cortejo religioso ocupa a rua principal da cidade, com uma expressiva participação popular que inclui uma gama de indivíduos. Ao centro da composição visual, destaca-se a imagem de uma santa, provavelmente “Nossa Senhora” conduzida com solenidade, acompanhada por uma aglomeração que caminha pela rua da cidade, visível ao fundo da cena.

Trata-se de uma manifestação de religiosidade popular que ultrapassa os limites do culto individual e se projeta no espaço público como experiência coletiva. Conforme analisa Carlos Rodrigues Brandão (1986), a fé popular no Brasil está profundamente ligada ao território, ao cotidiano e à memória. O autor afirma que “a fé popular não se dissocia do território: ela nasce da terra, da lida, do tempo e da memória coletiva” (p. 78). Nesse sentido, a procissão registrada pela fotografia vai muito além de um ritual místico, mas também uma expressão de correspondência na construção em grupo dando um sentido e pertencimento a localidade. Conforme argumenta Hall (2006, p. 225). Dessa forma, quando a comunidade se reúne em torno da fé, reafirma, simultaneamente, seus laços sejam afetivos, amizades, sua memória coletiva e sua conexão com o território ao qual pertence. Assim, a procissão não se configura apenas como uma manifestação de fé, mas como uma imagem concreta ao pertencimento, a coesão social e a resistência de uma comunidade que reconhece tanto o sagrado quanto o pertencimento a coletividade.

O espaço urbano que serve de palco à manifestação com suas casas coloniais, o calçamento e a igreja ao fundo compõem uma paisagem tipicamente sertaneja, onde o sagrado se insere na geografia da cidade. Ao fundo, as serras acentuam o caráter identitário do território e evocam a presença da natureza como elemento constitutivo da experiência religiosa. A rua, nesse contexto, transforma-se em espaço simbólico: lugar de encontro, partilha e de atualização da tradição.

Raymond Williams (2011, p. 134) ao discutir o conceito de "estrutura de sentimentos", oferece uma chave interpretativa pertinente para essa imagem. Segundo o autor, “existem formas de experiência social que não se expressam simplesmente pelas instituições ou discursos formais, mas manifestam-se de maneira afetiva, simbólica e sensível constituindo uma estrutura de sentimentos. A procissão, tal como registrada na fotografia, traduz essa dimensão: nela se condensam emoções, valores e modos de vida que estruturam maneiras de como aquela comunidade sente e vive sua religiosidade. A imagem documenta, portanto, não é apenas um evento religioso pontual, mas um sistema mais amplo de produção cultural e afetiva, onde o sagrado se entrelaça ao social e ao estético.



Figura 3, Osmar Micucci, 1957, Jacobina, Festas Religiosas (NECC/UNEB)

A figura 3 registra uma cena emblemática das manifestações religiosas populares em Jacobina possivelmente durante uma celebração do Domingo de Ramos indicativo reforçado pela presença de crianças e jovens portando ramos de palmeira, um dos símbolos litúrgicos da Semana Santa. A composição destaca dois religiosos em posição central: um deles, com vestes mais elaboradas, aparenta ser um bispo ou arcebispo, cuja presença em cidades do interior era reservada a ocasiões especiais como crismas, festas patronais ou visitas pastorais. O outro, pároco local Padre Alfredo Haasler, citado na pesquisa de Vasconcelos (2009), reforça o vínculo contínuo entre a população e a estrutura eclesial.

Esse tipo de cena reflete o papel central que a Igreja Católica desempenhou na organização simbólica e civil das comunidades sertanejas da época. Segundo Brandão (1986), a religiosidade popular no Brasil é marcada por uma “fé vivida no cotidiano”, profundamente enraizada nas manifestações de credulidades coletivas que fundem o sagrado com o social. No sertão da Jacobina, em particular, tais manifestações assumem contornos próprios, onde o catolicismo se entrelaça com tradições locais, fortalecendo uma identidade religiosa que, embora submetida à hierarquia da Igreja, expressa autonomia cultural.

A cena retratada é também um exemplo do que Canclini (1990, p. 18) chama de hibridismo cultural: uma religião de matriz europeia reinterpretada e vivida de maneira singular no contexto do semiárido brasileiro. Nesse processo, as práticas e símbolos religiosos não são simplesmente reproduzidos de forma estática ou uniforme; ao contrário, elas são moldadas pelas condições sociais e ambientais próprias da região. O sertão da Jacobina, com suas particularidades históricas e culturais, desenvolveu seu próprio modo de pensar as credulidades, dialogando assim com os sujeitos da terra sertaneja. Sendo assim, a religiosidade manifestada em Jacobina não pode ser compreendida apenas como uma reprodução da matriz europeia, mas uma ressignificação dos atos devocionais gerando uma expressão cultural híbrida, carregando em si traços ancestrais europeus e a identidade sertaneja.

O olhar do fotógrafo Micucci, atento à composição e à profundidade da cena, contribui para eternizar esse momento, tornando a imagem um documento valioso para a compreensão das manifestações de fé em Jacobina. Ao congelar o instante em que a comunidade se organiza em torno de sua devoção, a fotografia revela uma vivência do sagrado que é, simultaneamente, partilhada com o dia a dia dos indivíduos.

2.2 As Práticas de fé no olhar de Lidenício Ribeiro

Ana Maria Mauad (1996), uma das mais expressivas historiadoras a trabalhar com o documento fotográfico no Brasil, desenvolve um levantamento histórico dos debates teóricos sobre a fidelidade dos registros fotográficos. Dessa forma, este trabalho insere-se no campo dos estudos historiográficos que buscam compreender os imagéticos a partir do que se convencionou chamar de circuito social da fotografia, conceito que abrange todo o processo de produção, circulação e recepção das imagens técnicas, bem como dos artefatos que compõem esse universo (MAUAD, 1996).

Nessa perspectiva, o historiador Boris Kossoy (2014) ressalta a importância da pesquisa em torno dos chamados “fotógrafos anônimos” indivíduos que exerceram a prática fotográfica em regiões periféricas aos grandes centros, contribuindo significativamente para o registro da memória coletiva e o desenvolvimento da história da fotografia no Brasil. Segundo o autor, investigar essas trajetórias possibilita o resgate de experiências locais e amplia a compreensão sobre a diversidade de olhares que construíram visualmente a história do país.

Nesse escopo, destaca-se a pesquisa de Abner Uziel Viana (2021), a qual reconstitui a trajetória de Lidenício Ribeiro como fotógrafo em Jacobina e além dela. O autor patenteia que Ribeiro foi responsável por registrar não apenas as manifestações de fé, mas também os eventos socioculturais e o crescimento urbano da cidade baiana.

Natural da zona rural de Piritiba, município do interior da Bahia, Lidenício Ribeiro chegou ainda criança a Jacobina, onde passou a trabalhar com seu tio, Juventino Rodrigues, responsável por instalar o primeiro estúdio fotográfico da cidade na década de 1930. No início dos anos 1960, com aproximadamente treze anos, Ribeiro iniciou sua trajetória profissional na fotografia, mantendo-se em atividade até meados dos anos 2000. Ao longo de sua carreira, produziu um rico acervo de imagens que documentam, com sensibilidade e intencionalidade, aspectos diversos da vida jacobinense: desde expressões culturais e urbanas até manifestações de religiosidade popular. Abner Uziel explana em seu estudo que:

No contexto do circuito social da fotografia, os registros produzidos por Lidenício Ribeiro assumem uma importância inestimável não apenas para compreender o desenvolvimento do mercado fotográfico nas últimas décadas do século XX no sertão baiano, mas também como documentos iconográficos essenciais para o entendimento de aspectos significativos da história local (UZIEL, 2021, p. 14).

Tais registros fotográficos resguardam fragmentos de memória que podem ser constantemente revisitados e reinterpretados, assumindo, portanto, o papel de lugares de memória, nos termos propostos por Pierre Nora. Assim, investigar as manifestações de fé por meio do olhar fotográfico de Lidenício Ribeiro revela-se uma tarefa ao mesmo tempo

desafiadora e fascinante. Não por acaso, conforme aponta Uziel (2021), a primeira fotografia realizada por Ribeiro retratou justamente uma manifestação religiosa. Segundo o autor:

A sua fala, a sua primeira fotografia foi realizada durante as comemorações da Semana Santa, quando, habitualmente, os fiéis católicos saem em procissão pelas ruas da cidade e sobem os 365 degraus da Serra do Cruzeiro — ponto turístico e elemento marcante da identidade visual da cidade, presente inclusive na bandeira oficial do município (UZIEL, 2021, p. 33).

Ao longo de sua trajetória, Ribeiro atuou como fotógrafo de casamentos, batizados e celebrações religiosas diversas, incluindo cultos protestantes, dos quais também participava enquanto praticante. Em entrevista concedida em 19 de setembro de 2022 ao Núcleo de Estudos em Cultura e Cidade (NECC), é possível perceber o forte vínculo afetivo do fotógrafo com a profissão e com o ato de fotografar:

Para mim, eu sempre gostei da profissão. [...] Só esse [filho] que trabalha lá comigo. Mas ele não é um cara assim que goste da foto, que faça com amor. Eu tinha enchido de fotos lá, de amostra — fotos de enchente, fotos disso aqui. Tudo que eu tirava e achava importante, eu fazia as fotos, botava lá. O pessoal vinha [...] tem um negócio de uma cobra engolindo outra cobra aqui, uma cobra engolindo um animal, e eu fotografei. Aí botei aquelas fotos lá. O pessoal vinha: ‘Cadê aquela foto, sei o quê?’, para olhar, né? Hoje em dia eles procuram lá. Mas aí meu filho tirou todas as fotos que eu tinha botado. Porque eu gostava disso aí. Eu era apaixonado pelo negócio (RIBEIRO, Entrevista, 19 set. 2022, NECC).

A fala de Ribeiro revela uma profunda relação afetiva com a fotografia, compreendida não apenas como profissão, mas como vocação e forma de expressão. Ao afirmar: “Eu era apaixonado pelo negócio”, ele destaca a dimensão subjetiva e emocional de seu ofício, reafirmando que sua prática ia além da técnica era também um ato de registro sensível do cotidiano.

Por fim, o trecho comprova um conflito geracional: o filho, apesar de trabalhar com o pai, não compartilha da mesma paixão pela fotografia. A retirada das imagens do espaço expositivo por parte do filho representa, simbolicamente, uma ruptura com essa concepção afetiva da fotografia, sugerindo uma possível transição para um modelo mais técnico ou pragmático, talvez desconectado dos valores atribuídos por Lidenício à sua prática. fotografia, sugerindo uma possível transição para um modelo mais técnico ou pragmático, talvez desconectado dos valores atribuídos por Lidenício à sua prática.



Figura 4, Lidenício Ribeiro, Cerimonia Religiosa na Igreja Matriz, Jacobina 1977, (NECC/UNEB)

É notável diante das lentes de Ribeiro as expressões de credulidade na cidade de Jacobina. Na figura 4, é visível a seriedade não só no olhar dos indivíduos, mas também nas suas expressões corporais, todos bem eretos, alguns sujeitos estão com os olhos fechados manifestando sua prática de credulidade buscando intimidade com sua entidade religiosa. Os homens praticamente todos estão bem vestidos, paletós, as mulheres muito bem trajadas, poucas partes dos corpos amostras, nesta fotografia o registrador Ribeiro focou em específico nesses indivíduos, uma vez que o indivíduo ao microfone é o prefeito Flávio Mesquita.

Conforme aponta Hebe Mattos (2005), a relação entre religião e política no Brasil, especialmente fora dos grandes centros urbanos, sempre esteve permeada por práticas de legitimação mútua. “A igreja católica, enquanto instituição hegemônica, não apenas orientava os valores espirituais da população, mas também oferecia seu espaço físico e simbólico para a realização de eventos públicos de grande impacto” Mattos (2005, p. 16)

Essa fotografia revela um dos aspectos mais significativos das manifestações de fé no sertão da Jacobina: a fusão entre o sagrado e o civil. Como explicitam os registros fotográficos de Lidenício Ribeiro e Osmar Micucci, essa intersecção fazia parte da rotina dos indivíduos, em que a demonstração religiosa servia de moldura para eventos políticos e administrativos,

conferindo-lhes um sentido de solenidade e sacralidade compartilhada. Ao fundo no centro da imagem é observável a presença da bandeira de Jacobina reforçando assim o caráter cívico do evento, que, embora de natureza laica, foi realizado em um espaço sagrado. Esse tipo de configuração simbólica é exemplar da maneira como o catolicismo moldou as dinâmicas sociais e políticas no sertão baiano.

Nesse contexto, Cardoso (2021, p. 3-6) destaca que “a representação imagética de elementos da fé está presente nas crenças de forma pungente e com diferentes intencionalidades, seja na imagem ou nos objetos”. Nas igrejas católicas, por exemplo, a presença de imagens sacras seja em pinturas, afrescos ou estátuas contribui para a visualidade da fé, criando uma ambiência que reforça o sagrado por meio da estética.

Dessa forma, as fotografias de Ribeiro utilizadas nesta pesquisa revelam mais do que simples registros documentais da fé jacobinense; elas se apresentam como testemunhos visuais sensíveis de uma época, capazes de capturar as manifestações religiosas, mas também os modos de vida, os vínculos comunitários, as dinâmicas sociais e os processos de transformação urbana e cultural vividos pela cidade entre durante o período investigado nesta pesquisa. Trata-se, portanto, de uma produção imagética que transcende o caráter meramente ilustrativo e adquire espessura histórica e sociocultural, situando-se no que se convencionou chamar de circuito social da fotografia.

Nesse circuito, as imagens de Ribeiro circularam por distintos contextos de produção, uso e significação: em álbuns de família, tornaram-se suportes privados que fabricam memórias afetivas e genealógicas, preservando histórias íntimas e trajetórias individuais; nos acervos de estúdios fotográficos, foram resguardadas como registros de práticas sociais, manifestações de credulidade, rituais e modos de ser que caracterizam uma determinada coletividade; e, em exposições locais, passaram a ser reconhecidas como patrimônio visual da sociedade, ganhando status de documento histórico e cultural. Suas fotografias, ao mesmo tempo íntimas e coletivas, privadas e públicas, ajudam a costurar os fios da memória social, estabelecendo pontes entre o passado e o presente, entre a experiência individual e a história partilhada da cidade.



Figura 5, Lidenício Ribeiro, Família em Batizado Igreja Matriz, Jacobina, 1979, (NECC/UNEB)

A figura 5 emerge como notável exemplo dos registros que integram a categorias das práticas de credulidade em Jacobina, destacando-se como um exemplar paradigmático da atuação de Ribeiro. Este fotógrafo, imerso no ofício profissional, dedicou-se de maneira premente a atender à demanda da sociedade jacobinense, profundamente ansiosa por conservar e imortalizar os momentos significativos de suas vidas em uma multiplicidade de contextos distintos.

A foto representa um batismo como um rito de passagem que insere o indivíduo no corpo simbólico da credulidade católica. No sertão, e em específico o de Jacobina, essa manifestação religiosa é revestida de forte dimensão espiritual. Os elementos visuais, o altar, as velas, a solenidade dos rostos reforçam o caráter sagrado da cerimônia. Bourdieu (1998, p. 65) observa que “os rituais religiosos são atos performativos que consagram socialmente a entrada de uma pessoa em uma nova posição dentro da ordem simbólica”. Ou seja, essa consagração religiosa desenvolve um reconhecimento dos indivíduos na comunidade cristã, em específico da criança nesta fotografia. As lentes de fotógrafos como Lidenício Ribeiro e Osmar Micucci, nesse contexto, operam como mediadora entre a vida e a história, suas imagens não apenas registram, mas representam a realidade local, oferecendo uma iconografia

rica para o estudo das manifestações de fé no interior da Bahia focalizando nesta pesquisa Jacobina entre as décadas de 1950 e 1980.

2.3 Entrecruzando Olhares

Entre as décadas de 1950 e 1980, os fotógrafos Lidenício Ribeiro e Osmar Micucci construíram um alicerce fundamental na construção da memória visual da cidade de Jacobina. Seus registros fotográficos constituem muito além de um inventário de acontecimentos sociais, culturais e econômicos, mas também uma representação sensível das transformações urbanas e das manifestações de fé que marcaram o processo de desenvolvimento local nesse período. O conjunto de suas obras formam, portanto, um relevante acervo imagético que permite compreender aspectos históricos, sociais e simbólicos da região.

A produção fotográfica desses autores tem sido objeto de investigações acadêmicas que reconhecem a potência da imagem como fonte histórica. Valter de Oliveira (2010), por exemplo, dedica-se a analisar o olhar fotográfico de Osmar Micucci, especialmente no intervalo compreendido entre as décadas de 1950 e 1960, destacando a forma como suas imagens dialogam com os processos sociais e culturais vivenciados no município. De modo complementar, Joedi Makson Costa Moreira (2022) concentra-se na obra de Lidenício Ribeiro, destacando o potencial narrativo de suas fotografias e sua contribuição para a representação

das dinâmicas de modernização da cidade. Apesar das especificidades metodológicas e teóricas que distinguem esses estudos, ambos partem da premissa de que a fotografia, além de documento visual, constitui um dispositivo interpretativo, capaz de revelar percepções, escolhas estéticas e relações socioculturais do tempo em que foi produzida. Nesse sentido, é possível afirmar que tanto Ribeiro quanto Micucci deixaram marcas indeléveis na configuração do circuito social da fotografia no sertão baiano. Suas imagens além de documentar, também interpretam a realidade, uma vez que toda produção fotográfica carrega, inevitavelmente, elementos de seleção, enquadramento e, conseqüentemente, de exclusão de certos aspectos do real. Conforme observa Sontag (2012, p. 19), “fotografar é em si mesmo um acontecimento, cada vez com mais direito: o de interferir, ocupar ou ignorar tudo o que se passa à sua volta Assim, ao mesmo tempo em que revela, a fotografia oculta; ao tornar visível um recorte do mundo, ela silencia outras possibilidades de representação. Dessa maneira,

compreender os registros produzidos por esses fotógrafos é também lançar um olhar crítico sobre as formas como o passado foi visualmente construído e socialmente compartilhado.



Figura 6, Osmar Micucci, 1957, Jacobina, Festa do Divino (NECC/UNEb)



Figura 7, Lidenício Ribeiro, Evento Religioso, Jacobina, sem data (NECC/UNEb)

Assim, ao mesmo tempo em que revela, a fotografia oculta; ao tornar visível um recorte do mundo, ela silencia outras possibilidades de representação. Dessa maneira, compreender os registros produzidos por esses fotógrafos é também lançar um olhar crítico sobre as formas como o passado foi visualmente construído e socialmente compartilhado. Analisar essas fotografias permite acessar fragmentos da história local mas também refletir sobre os limites, as possibilidades e as camadas de sentido que permeiam toda prática fotográfica enquanto forma de narrar, conservar e interpretar o mundo.

Os olhares fotográficos de Osmar Micucci e Lidenício Ribeiro voltado para as multidões, na figura 6 Micucci capta uma das mais representativas expressões da religiosidade popular no sertão de Jacobina: o cortejo ao Divino. Trata-se de uma prática religiosa que percorre as principais ruas da cidade, reunindo homens, mulheres e crianças em uma manifestação coletiva de fé e devoção. Na fotografia, observa-se a predominância das vestimentas brancas, símbolo que remete à pureza espiritual e ao compromisso com o sagrado. Bandeiras e estandartes são erguidos pelos fiéis, elementos que reforçam a dimensão da manifestação de fé. A composição da imagem revela uma densa concentração de pessoas, sobretudo ao fundo, o que sugere não apenas adesão numérica, mas também a força cultural e afetiva que sustenta essa tradição.

Essa representação imagética não se limita a documentar um evento, mas revela uma dinâmica na qual o corpo assume centralidade enquanto linguagem, meio e suporte de comunicação com o transcendente. A fé, aqui, não se expressa unicamente por palavras, orações ou objetos sacralizados, mas se materializa nos corpos em movimento — corpos que caminham, que carregam crianças, que se apresentam ritualmente através das vestimentas e da disposição espacial dentro do cortejo.

Sob essa perspectiva, torna-se pertinente recorrer às reflexões de Marcel Mauss (1974, p. 75-76), que compreende as “técnicas corporais” como formas socialmente construídas de utilizar o corpo, carregadas de sentido cultural e figurativo. Na cena registrada, os gestos de caminhar em procissão, portar símbolos e trajar-se de forma cerimonial não são meramente funcionais, mas práticas que reafirmam identidades religiosas, comunitárias e territoriais. O corpo, portanto, torna-se extensão do próprio sagrado, sendo, ao mesmo tempo, oferenda, expressão e veículo da fé.

Assim, a corporeidade presente na fotografia 6 não se reduz à participação física; ela constitui uma prática de entrega, de sacralização do espaço urbano e dos próprios sujeitos. Cada passo, cada gesto e cada objeto carregado adquire significação dentro desse hábito, reafirmando tanto a devoção individual quanto o pertencimento coletivo.

Portanto, a análise da figura 6 revela não obstante a documentação de uma manifestação religiosa, mas a tradução visual de uma cosmologia na qual o corpo é agente central do sagrado. A caminhada coletiva, os símbolos empunhados e a tessitura dos corpos na paisagem urbana demonstram como a fé se corporifica. Essa corporeidade se insere nas tradições religiosas populares, onde o corpo do fiel não é mero espectador, mas protagonista da fé. Brandão (1983, p. 35-36) pontua: “o sagrado se faz com o corpo, na dança, na caminhada, na cantoria e no cansaço que é oferenda”.

Os corpos presentes nas manifestações de fé carregam emoções, desejos, preces e agradecimentos.

Tais expressões corporais, no contexto das práticas devocionais, podem ser compreendidas em dois momentos distintos: a intimidade do corpo na busca por uma relação profunda com o sagrado, a devoção e, por vezes, com a dor oriunda de sacrifícios; e as atividades coletivas, como missas, procissões e ladainhas, que ocorrem simultaneamente e se mesclam. Trata-se de uma linguagem simbólica que permite o contato com o inacessível (FERREIRA, 2017, p. 12).

A citação ratifica que as exhibições corporais na religiosidade cumprem um papel representativo fundamental, funcionando como ponte entre o humano e o sagrado. Por um lado, refletem a intimidade do fiel, marcada pela busca pessoal, pela devoção e, muitas vezes, pelo sacrifício. Por outro, manifestam-se no grupo, através de rituais como procissões e missas, onde os corpos se unem em uma linguagem compartilhada de fé. Assim, o corpo torna-se meio de acesso ao transcendente, materializando o invisível por meio dos gestos, posturas e movimentos.

Em contrapartida, a fotografia 7 retrata um evento religioso realizado em uma quadra poliesportiva, no qual os corpos encontram-se sentados, dispostos em fileiras, contidos por grades e orientados em direção à pregação. A configuração espacial, somada à postura corporal, sugere uma modalidade de religiosidade mais institucionalizada, regida por normas de controle, disciplina e ordenamento. Nessa dinâmica, os corpos assumem uma função predominantemente passiva e receptiva, em nítido contraste com a expressividade ativa e coletiva observada na fotografia 6, onde há movimento, circulação e forte carga performativa.

Essa configuração espacial e corporal dialoga diretamente com o conceito de “habitus”, conforme aguça Pierre Bourdieu (1980, p. 89), que se refere ao conjunto de disposições socialmente construídas e incorporadas pelos sujeitos, moldando suas práticas, percepções e maneiras de estar no mundo. Aqui, os corpos são educados e moldados por uma lógica de organização que reflete uma pedagogia da fé alinhada a modelos institucionais mais racionais, normativos e hierarquizados.

Podemos dizer que surge uma nova pedagogia da fé, engajado no que Michel Foucault (1975, p. 176) descreve como “dispositivos disciplinares, próprios das sociedades modernas”. A disposição dos corpos em fileiras, a contenção espacial por grades e a centralização da palavra configuram uma prática de docilização dos corpos, na qual os fiéis são organizados, vigiados e conduzidos dentro de uma lógica de mando, assim como nas escolas, nos quartéis e nas fábricas.

Nesse contexto, a pedagogia da fé não se limita à transmissão de conteúdos, mas envolve também uma pedagogia corporal, onde os gestos, as posturas e os modos de participação são regulados. A fé, antes vivida no movimento coletivo das ruas, no corpo livre das procissões e nas formalidades populares, passa a ser reconfigurada por práticas que privilegiam a escuta silenciosa, a contenção dos gestos e a obediência às hierarquias religiosas. Dessa forma, o espaço da quadra poliesportiva, transformado em templo, simboliza exclusivamente uma adaptação do espaço urbano à prática religiosa, mas também uma nova racionalidade da fé, na qual o corpo deixa de ser expressão livre e pública da devoção para se tornar corpo controlado, disciplinado e funcional dentro das lógicas organizacionais contemporâneas.

Ao comparar as duas imagens, observa-se um movimento de transição: da religiosidade popular, espontânea e horizontal, expressa nos ritos de rua, para uma prática religiosa mais padronizada, dirigida e técnica. Conforme aponta Pierre Nora (1993, p. 10), há uma substituição dos lugares de memória viva como as festas populares nos espaços públicos por “lugares de memória fixada”, mediada por estruturas físicas e formas modernas de organização religiosa. Esse processo reflete não apenas mudanças litúrgicas, mas também novas formas de experiência a fé em uma sociedade cada vez mais urbanizada e midiaticizada.

As fotografias, portanto, inobstante documentam práticas religiosas, mas se constituem como fontes visuais privilegiadas para a compreensão das dinâmicas culturais e sociais da fé em e Jacobina. Os olhares fotográficos, ao capturar esses momentos, preservam marcas de

uma religiosidade em transformação, ressignificada pelos contextos históricos em que se insere.



Figura 8 Osmar Micucci, Batizado, Jacobina, 1957 (NECC/UNEB)



Figura 9 Lidenício Ribeiro, Batizado, Jacobina 1971 (NECC/UNEB)

As imagens produzidas por Micucci destinando seu olhar mais para as manifestações católicas e Ribeiro retratando cerimônias de batismo protestante em Jacobina, revelam modificações no campo religioso do sertão baiano entre as décadas de 1950 e 1980. Essas documentações fotográficas constituem referências visuais que permitem compreender a mudança de paradigma religioso vivenciada pela cidade, marcada pela gradual introdução de práticas protestantes em meio à hegemonia católica.

Na figura 8, observa-se um batismo católico realizado em 1957 no interior da Igreja Matriz ornamentada. A presença do altar com elementos barrocos, a disposição posada dos familiares e o bebê como figura central da cerimônia patenteiam o caráter coletivo e sacramental do ritual. O batismo infantil, segundo Bourdieu (2003, p. 10) atua como “um rito de consagração que inscreve o indivíduo na ordem religiosa e figurada, antes mesmo de sua consciência”. No contexto católico, trata-se de uma prática sacramental que assegura à criança sua entrada formal na comunidade cristã desde o nascimento.

Por outro lado, a figura 9, datada de 1971, retrata um batismo evangélico por imersão. A cena mostra apenas dois indivíduos o oficiante e o jovem batizando – dentro de um tanque de água, em ambiente simples e introspectivo. Esta modalidade de batismo representa não um rito de passagem involuntário, mas uma escolha consciente e pública de fé, característica central das tradições protestantes. De acordo com Mariano (2001, p. 48) “o batismo nas igrejas evangélicas, sobretudo nas pentecostais, constitui-se como testemunho individual de conversão e renascimento espiritual, desvinculado da herança familiar e institucional”.

Essa mudança revela uma transição de um modelo religioso, centrado na tradição e na autoridade eclesial, para um modelo subjetivo, que valoriza a experiência pessoal com o sagrado. A penetração de igrejas protestantes no interior nordestino, especialmente nas décadas de 1960 e 1970, corresponde a um processo de pluralização religiosa no Brasil, intensificado pela migração rural, urbanização e pela busca por experiências espirituais mais íntimas (FREESTON, 1993, p. 122).

Paul Freston é um sociólogo britânico, com expressiva produção acadêmica voltada para o estudo das religiões na América Latina, especialmente no Brasil. Suas obras, embora majoritariamente publicadas em inglês, são referências fundamentais para compreender os processos de pluralização religiosa no contexto brasileiro, em especial no que se refere à expansão do protestantismo nas últimas décadas do século XX. No desenvolvimento deste trabalho, optou-se por utilizar a obra de Freston publicada originalmente em inglês. Assim, as citações do referido autor foram traduzidas para o português, buscando preservar o sentido original do texto, sem, contudo, comprometer a clareza e a fluidez da escrita acadêmica.

Freston aponta que há uma mudança no padrão de religiosidade, que deixa de ser exclusivamente orientado pela tradição, e passa a valorizar cada vez mais a experiência subjetiva e pessoal com o sagrado. Esse fenômeno se conecta diretamente com processos sociais mais amplos, como a migração rural e urbana, a urbanização crescente das cidades. A chegada de igrejas protestantes especialmente pentecostais — no interior do Nordeste não apenas amplia o leque de opções religiosas, como também promove uma ruptura parcial com modelos religiosos mais hierárquicos, centrados na mediação clerical, como era o caso da Igreja Católica.

Além disso, o espaço físico também é revelador: enquanto a cerimônia católica se dá em um ambiente imponente e ritualizado, o batismo protestante ocorre em local despojado, reforçando a ruptura simbólica com a tradição hierárquica e visualmente exuberante do catolicismo. Como analisa Pierucci (2004), “o protestantismo enfatiza uma estética da simplicidade, onde a fé se expressa na interioridade e no compromisso individual, em detrimento da mediação visual e cerimonial”. Em síntese, as duas fotografias revelam o deslocamento de práticas sacramentais herdadas para condutas voluntárias e subjetivas de fé. O batismo, símbolo de iniciação religiosa, transforma-se em indicador das mudanças nas formas de pertencimento e expressão do sagrado.



Figura 10, Osmar Micucci, 1956, Jacobina Festa Religiosa (NECC/UNEB)



Figura 11, Lidenício Ribeiro, sem data, Comunhão, Jacobina (NECC/UNEB)

A figura 10, um registro em preto e branco, retrata uma procissão saindo da Igreja Matriz dedicada à padroeira local Santo Antônio com um andor carregando sua imagem sacra ornada por flores. O cortejo é composto por adultos e crianças, muitas delas vestidas de branco, sugerindo o envolvimento das chamadas “filhas de Maria” ou participantes da catequese local. A arquitetura da igreja, os trajes, e a disposição cerimonial indicam um período em que as festas religiosas, sobretudo as de padroeiros, tinham função não apenas contemplativa, mas também civil e política.

Nesse contexto, a Igreja Católica exercia um papel central como mediadora figurativa da vida social, projetando no espaço público uma rede de símbolos, imagens e rituais que conectavam o sagrado ao cotidiano. Como observa Brandão (1986), “a fé popular não se faz apenas de crenças, mas de celebrações públicas, de espaços ritualizados e de memórias compartilhadas que reforçam o senso de pertencimento coletivo”. Assim, a presença da Igreja se materializava em práticas visíveis procissões, altares, imagens e festas, que moldavam não apenas a religiosidade, mas também a experiência popular e a construção essencial dos indivíduos.

Já a figura 11, em cores e provavelmente registrada na década de 1980, mostra um grupo numeroso de crianças durante uma celebração de Primeira Comunhão. O cenário interno da capela, decorado com flores e cortinas azuis, e a presença da imagem de Santo Antônio, remetem à continuidade dos elementos devocionais, mas agora inseridos em um contexto mais privado. Neste novo cenário, a infância passa a ser alvo direto da ação catequética da igreja, em um esforço de sistematizar o ensino religioso e reforçar a identidade católica diante do crescimento das religiões evangélicas e dos desafios urbanos.

A participação de crianças em ambas as manifestações de fé não é apenas decorativa ou passiva. Elas representam a continuidade da tradição, a formação dos “futuros fiéis” e a renovação simbólica da fé. Ao serem inseridas desde cedo nas procissões, vestidas com túnicas brancas ou com roupas cerimoniais, elas aprendem os valores e os rituais da tradição católica uma fé que se dá tanto pela oralidade quanto pela prática ritual.

Suas imagens não obstante registram eventos, mas capturam o ethos de uma religiosidade marcada pelo afeto, pela coletividade e pela resistência.

Portanto, essas imagens constituem fontes ricas para compreender a religiosidade revelando como a fé é ensinada, celebrada e transformada ao longo do tempo. Elas permitem ver, com nitidez, os fios que tecem a cultura religiosa popular: a devoção, a infância, a memória, a festa e a imagem no sertão da Jacobina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo propôs-se investigar as manifestações de fé no sertão de Jacobina entre as décadas de 1950 e 1980, a partir dos olhares fotográficos de Osmar Micucci e Lidenício Ribeiro. Através das imagens, foi possível compreender como as credulidades influenciaram a cidade de Jacobina, não apenas como práticas religiosas, mas como manifestações culturais que moldaram a identidade e o cotidiano da população local. Como destaca Sontag (2004, p. 14), "a fotografia é, entre outras coisas, uma forma de recordar o que, de outra forma, seria esquecido" e, nesse caso, as imagens servem como documentos essenciais para resgatar e refletir sobre um período tão rico da história local.

O estudo das fotografias revelou uma construção histórica visual que não apenas mostra o visível, mas também permite entrever o invisível das práticas religiosas. Apesar de serem registros de momentos profundamente espirituais e sagrados, muitas das imagens analisadas não revelaram manifestações de fé relacionadas ao candomblé, ou práticas religiosas ligadas ao contexto indígena, como era de se esperar em um ambiente tão plural. Isso se alinha ao que Barthes (1980, p. 76) propõe, ao afirmar que "a fotografia retém, não a essência das coisas, mas a impressão de sua presença". Ou seja, as escolhas dos fotógrafos e os limites de suas lentes determinaram o que seria capturado e, conseqüentemente, o que ficaria fora do campo da imagem.

A ausência dessas manifestações, longe de indicar uma falta de importância, aponta para uma seleção do que seria considerado "sagrado" na cidade de Jacobina. Ao refletir sobre as práticas de fé ali retratadas, é possível inferir que o olhar fotográfico, especialmente nas décadas de 1950 a 1980, foi em grande parte pautado por uma visão predominantemente cristã e ocidentalizada, à qual as fotografias de Micucci e Ribeiro estão diretamente vinculadas. A religião católica, com suas festividades e celebrações, ocupa um espaço central nas imagens analisadas, mas também há registros de rituais evangélicos, enquanto outras formas de expressão religiosa, a exemplo das práticas afro-brasileiras ou indígenas, foram inviabilizadas na produção fotográfica pesquisada.

O estudo das imagens de Micucci e Ribeiro, portanto, não se limita a uma simples análise estética ou histórica, mas se expande para um questionamento mais profundo sobre o que está visível e o que é invisibilizado, sobre o que é retratado como sagrado e o que é

silenciado na narrativa da cidade. O trabalho de ambos os fotógrafos, ao focar em determinados aspectos da religiosidade jacobinense, revela uma camada importante da história local, mas também aponta para as complexas relações entre fé, poder e representação.

Como propõe Benjamin (2008, p. 101), "a fotografia não é apenas uma forma de ver, mas uma forma de perceber e de registrar a realidade de uma forma específica, moldada pelas lentes de quem fotografa". Nesse sentido, devemos considerar que o estudo das fotografias como fonte histórica exige uma postura crítica e atenta, pois as imagens são tão reveladoras quanto limitadas, e suas leituras dependem de uma análise cuidadosa sobre as escolhas do fotógrafo e os contextos em que essas imagens foram produzidas.

Este estudo, ao olhar para o visível e o invisível nas manifestações de fé em Jacobina, nos lembra que a fotografia, enquanto arte e documento, não apenas registra a realidade, mas a constrói, silenciando algumas vozes e destacando outras. Dessa forma, é necessário que, ao consumirmos imagens, possamos fazer isso com maior criticidade, atentos ao que está exposto, mas também ao que permanece fora de cena, àquilo que não está visível, mas que, de alguma forma, compõe o imaginário e as narrativas de uma sociedade.

FONTES

Fotográficas

Acervo Memória Fotográfica de Jacobina (NECC/UNEB).

Escritas

Jornal A Palavra, 2_p2.JPG, 1973 pág. 03. (NECC/UNEB).

Orais

Entrevista de Lidenício Ribeiro concedida a discentes de Iniciação científica do NECC (Núcleo de Estudo de Cultura e Cidade) para a Aline Silva de Lima e Peter Rocha Lima. Jacobina 19/09/ 2022. Disponíveis no NECC- UNEB

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria de Fátima Dias da Silva. **Cultura e religiosidade em Jacobina: na festa de São Benedito (1970-2000)**. 2006. 48f. Monografia (Especialização em História) – Universidade do Estado da Bahia, Jacobina, 2006.

BARBOSA, Fernanda Oliveira. **Cenários de alegria: memória fotográfica das festividades em Jacobina (1930-1970)**. 2018. Monografia (Graduação em História) – Universidade do Estado da Bahia, Jacobina, 2018.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas, v.1. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial, 2009.

BIRMAN, Patrícia. **O que é religião**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

BONFIM, Luís Américo. Lavagem do Bonfim: **tradições e representações da fé na Bahia**. In: II Congresso Virtual de Antropologia. Salvador, 2000. p. 1-11.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A religião do povo: a fé popular no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1986.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Fé e festa: um estudo da religiosidade popular**. Petrópolis: Vozes, 1986.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é religião**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRITO, Ênio José da Costa. Canudos e a Bíblia. Espaços: Revista de Teologia e Cultura, v. 12, n. 2, p. 259-267, 2004.

BRITO, José Artur Tavares de. O sertão das religiões: o caso de Canudos. **Paralellus**, Recife, ano 2, n. 4, p. 157-166, jul./dez. 2011.

- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru: EDUSC, 2004.
- CÂNDIDO, Antônio. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas Cidades, 2000.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 1990.
- CARDOSO, Arlindo da Silva. Fotografia e memória na procissão de Santo Antônio em Bebedouro, Maceió-AL. In: ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador, 2005. p. 1-15.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- DIAS, Weberson Ferreira; SANTOS, Welson Barbosa. Corpo na perspectiva da fé: transitando do profano ao sagrado. **Revista Ponto Urbe, Goiás**, v. 6, 2017, p. 246-267.
- FELIZARDO, Adair; SAMAIN, Etienne. A fotografia como objeto e recurso de memória. **Discursos Fotográficos**, v. 3, n. 3, p. 205-220, 2007.
- FRESTON, Paul. **Evangelicals and politics in Asia, Africa and Latin America**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- FOUCAULT, Michel, **Vigiar punir: nascimento da prisão**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. (Original Publicado em 1975)
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006
- KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- LIMA, Aline Silva de. **É dia de feira! A feira livre no espaço urbano em Jacobina (1970-1980)**. 2023. 66f. Monografia (Graduação em História) – Universidade do Estado da Bahia, Jacobina, 2023.
- MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 2001.
- MARTINS, José de Souza. A imagem incomum: a fotografia dos atos de fé no Brasil. *Estudos Avançados*, v. 16, p. 223-260, 2002.
- MATTOS, Hebe. **Religião e política no Brasil: da monarquia à república**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- MAUAD, Ana Maria. Imagem e autoimagem do segundo reinado. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de (org.). **História da vida privada no Brasil**. v. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. [inserir página inicial-final].

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EPU, 1970.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, Valter Gomes Santos de. **Cultura fotográfica na Bahia: Osmar Micucci e a fotografia em Jacobina (décadas de 1950 e 1960)**. Domínios da Imagem, Londrina, v. 4, n. 6, p. 129-146, maio 2010. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/dominiosdaimagem/article/view/23237>. Acesso em: 1 jul. 2025.

OLIVEIRA, Valter Gomes Santos de. **Revelando a cidade: imagens da modernidade no olhar fotográfico de Osmar Micucci (Jacobina, 1955-1963)**. 2007. 153f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **Religião como tradução: caminhos da identidade religiosa no Brasil**. São Paulo: Loyola, 2004.

RODRIGUES, Mariza do Carmo. **Religião e identidade no sertão baiano: o candomblé em Jacobina/BA**. 2014. 106f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

SANCHIS, Pierre. **O catolicismo no Brasil: ensaios de interpretação**. São Paulo: Paulinas, 2001.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TURAZZI, Maria Inez. **Poses e trejeitos: a fotografia e as exposições na era do espetáculo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

VASCONCELOS, Tânia Mara Pereira. **Religião e civismo na produção de uma infância civilizada: as escolas paroquiais do sertão da Bahia (1940-1960)**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, 2011.

